

# A 'minha' cidade



**Sei muito pouco sobre a minha cidade.** E hoje é seu aniversário. Desaponta-me não falar nada em data tão festiva: **368 carnavais é muita coisa!** Por isso acordei com a disposição de escrever algumas linhas, ainda que tais linhas não mereçam nada mais e além que o crédito, comumente concedido a quem é forasteiro.

Não sei o quanto de folclore há na história da minha cidade, nem sei mesmo se é o caso de se pensá-la como um causo. **Mas reza a lenda que um bravo povo dessa terra afugentou um exército inteiro.** Pelo menos é o que narram dois ou três livros que guardo na estante.

Na iminência de ver o território ocupado por colonos holandeses, abnegados guerreiros da minha cidade (**nativos e agregados – como eu**) não quiseram se subordinar a países baixos. Consideram-se, por certo, superiores.

O fato é que portugueses e brasileiros que aqui viviam (ou detinham algum tipo de interesse – seguramente, financeiro) **botaram a tropa neerlandesa para correr, quebraram o maior pau. Pense num cacete!** Mandaram-na às cucuias de **Amsterdam**.

**Vitoriosos** – vitorienses e neo-vitorienses tinham, agora em mente, um audacioso e visionário plano: **instituir uma constituição própria** que disciplinasse, a médio-longo prazo, deveres e direitos nos limites da cidade.

A **carta magna** costurada a nanquim (contendo verdadeiros **mandamentos**) aos habitantes 'daquela' remota terra, com os devidos descontos (porque aí já se vão algumas centenas de anos), dizia sobre política: **esta arte da dissimulação** (conclusão de **Descartes** que eu endosso).

O **artigo 1º** da **Constituição da Republiqueta da Terra das Tabocas** dispunha que todo povo tinha o direito imprescritível e inalienável à autodeterminação, mediante às suas demandas e exigências.

**Mas uma emenda**, aprovada séculos mais tarde, identificando a pouca objetividade do texto, acrescentou que o povo tem, mesmo, todo direito, **desde que mantenha algum grau de parentesco ou fidelidade com o líder político em vigência, ou frequente a mesma – que ele – confraria.**

O **artigo 2º** determinava a criação de uma **câmara alta**, autônoma e que emergisse legitimamente através de critérios técnicos e do voto distrital livre e direto (**nesta ordem**), configurando-se em representação deliberativa do povo, junto ao **Estado** (das **Tabocas**).

No entanto, recentemente, mediante o glorioso instrumento da **Medida Provisória**, a **MP nº40** - votada às pressas por um legislativo entorpecido (**porque foram tantos os mimos**), o governante da época conseguiu tornar sem efeito o artigo supracitado.

O dirigente que o sucedeu, com um ar democrático surpreendente, logo decidiu reescrever o tal artigo, dando-lhe roupagem linguística mais sofisticada. E mediante a **Medida Provisória nº55** foi soberanamente taxativo: "**Que o poder legislativo seja 'joystick' do Executivo municipal!**"

**Honestamente, é o que pouco sei sobre a minha cidade.**

*Sim..., mas acabo de me lembrar, também, de que de lá pra cá riachos e nascentes foram transformados em esgoto*, inclusive para acomodar os rejeitos industriais – **em nome do 'desenvolvimento'**. Um desenvolvimento que não chega aos bairros mais pobres, às pessoas que mais precisam.

**O rio mais importante da minha cidade foi assoreado** e teve sua margem invadida por aterros, terraplanagens e edificações, cuja propriedade é – **no mínimo** – questionável. Por outro lado, há quem invista tempo discutido a desnecessária **etimologia** de seu nome (se *Itapacurá* ou *Tapacurá*, é irrelevante). **Eu quero é tomar banho de rio! Eu quero é pescar! Utopia? Éh... eu gosto de utopias.**

**As construções sem controle tomaram conta das calçadas.** Não há asfalto nem praça nas periferias. **Quem nesses lugares moram, alheios a tudo, vivem a indigência e ignoram a semântica da palavra 'direito'.** As associações de moradores servem apenas para arregimentar eleitores.

**Quando nos deslocamos em automóveis**, enfrentamos motos e motociclistas inescrupulosos, buracos, semáforos desordenados, sinalização deficitária, caminhões que descarregam mercadorias em plena luz do dia, **ferro velho estacionado** e o carro do lixo que, sem o menor planejamento, nunca sai à noite – horário de menor fluxo.

**Quem usa ônibus (meu Deus!)** vive a síndrome da '*lata de sardinha*', e corre riscos de perder a vida em coletivos **malcheirosos, malcuidados** – guiados por condutores despreparados e que, sequer, respeitam um cronograma de viagens preestabelecido – entre outras coisas porque ele – **o tal cronograma** – não existe e porque não há, no poder público (leia-se: **Prefeitura**), ninguém a, sobre isto, ocupar-se.

**Tem mais:** há sempre lâmpada de poste que não acende (**mas tem poste plantado no meio da rua!**), os esgotos das casas perseguem o meio-fio escancarado. Em muitos lugares, formam poças que se espalham: **moradias de ratos, baratas e enxames de moscas.**

**Tudo isto representa bem o cheiro de anos de abandono e de indiferença.**

Quando chove é **lam a** na certa.

Se faz sol, **som alto** e cerveja.

Citando o poeta **Everardo Norões**, e sem nenhum receio de ser classificado como

preconceituoso, não tiro palavra, nem ponho: "**a música brega do vizinho violenta nossos ouvidos e as crianças vagam pelas esquinas num exercício de vadiagem que as levará ao crack e ao crime**".

Os '**playboys**', e até gente (**imaginem!**) adulta, crias de uma **mentalidade falso-burguesa**, exibem-se com seus **veículos financiados em 72 meses. Com o som alto e a mala aberta ostentam uma pobreza que os condena a não refletir**.

**Enquanto isso a política de prioridade do prefeito é investir em guardas engomados a desfilar na principal avenida como num exercício ridículo de figurantes para programas de TV.**

**Eu não conheço a minha cidade.** E, honestamente, nem sei se gostaria mesmo de conhecê-la. Melhor que ela continue a viver em mim em silêncio, **em pleno anonimato**, porque é assim que gostaria de nela viver.

**Mas confesso que hoje eu acordei com a gota!**

Chega a hora que a gente precisa botar para fora aquilo engasgado, **sabe?!** E não importa se vão entender mal o meu **resmungo**, o meu desaforo, a minha malcriação. Sim..., porque é assim que a **pseudo-elite** (política, econômica e intelectual) entende. **Não admite ser contrariada.**

**Éh... e faz tempo, viu, que eu notei isso.**

Já notei também que desqualificar a fala de quem se insurge, de quem se insubordina ao '**establishment**' é a especialidade dos **coronéis** e de **seus capangas** no **território baldio que se tornou a minha cidade**. Contudo, justiça seja feita, **antes de desqualificar, eles chegam junto, conversam, oferecem um cargozinho, um empreguinho, e se não tiver cuidado, eles cooptam.**

Aí ninguém repercute. Aí ninguém comenta. Aí ninguém fala. E todos os anos (**como num teatro**) se reúnem, em confraria, e realizam o esquete de sempre: **fogueteiam, hasteiam a bandeira, cantam um hino, falam umas coisas – qualquer coisa. Confraternizam-se – não se sabe o quê, nem por quê.**

Aqueles que se consideram mais '**sabidos**' repetem a mesma conversa que ouviram contar. **Falam de uma tal 'batalha' em que chegaram batendo, caindo de pau na tropa holandesa.** E já cansados de seus próprios **blablablás** dão uma trégua, intercalam **comcoqueteizinhos mal dormidos**: um **canudinho** aqui, um **pastelzinho folheado** acolá... e comem – **e como comem!** E bebem – **bebem muito!**

**Mas a verdadeira história da cidade ninguém conta, a verdadeira história da cidade ninguém quer contar.**